

Geografia, cinema e educação: Barão Geraldo por outros olhos

Geography, Cinema and Education: Barão Geraldo through other eyes

Geografía, Cine y Educación: Barão Geraldo con otros ojos

OZIEL ULISSES TORRIANI CONTARATO¹

TÂNIA SENEME DO CANTO²

RESUMO: Este artigo é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso que objetivou produzir e mobilizar novos conhecimentos acerca do distrito de Barão Geraldo, em Campinas – SP, entre licenciandos do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Campinas, a partir da pedagogia do dispositivo. Para tanto, foi proposto um exercício com a criação de imagens e sons que conseguisse desfazer um discurso e uma prática cristalizada na comunidade acadêmico-universitária com o território de Barão Geraldo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia do dispositivo; cartografia; formação de professores em geografia.

ABSTRACT: This paper is the result of a monograph that aimed to produce and mobilize new knowledge about the district of Barão Geraldo, in Campinas – SP, among graduate students of the Geography Course at the State University of Campinas, based on device pedagogy. To this end, an exercise was proposed with the creation of images and sounds that could undo a discourse and practice crystallized in the academic-university community within the territory of Barão Geraldo.

KEYWORDS: Device pedagogy; cartography; teacher training in geography.

1. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

2. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

RESUMEN: Este artículo es el resultado de una investigación de finalización de curso que tuvo como objetivo producir y movilizar nuevos conocimientos sobre el distrito de Barão Geraldo, en Campinas – SP, entre estudiantes de posgrado del Curso de Geografía de la Universidad Estadual de Campinas, a partir de la pedagogía del dispositivo. Para ello, se propuso un ejercicio con la creación de imágenes y sonidos que pudieran deshacer un discurso y una práctica cristalizados en la comunidad académico-universitaria en el territorio de Barão Geraldo.

PALABRAS CLAVE: Pedagogía del dispositivo; cartografía; formación docente en geografía.

INTRODUÇÃO

Pensar em como as múltiplas linguagens transformam o ensino não é um esforço que mobiliza apenas o intelecto humano, mas também aspectos relacionados à subjetividade e às diferentes maneiras de viver que guiam as relações estabelecidas entre os seres humanos e os mais diferentes espaços. Na geografia, a linguagem cartográfica assume um protagonismo indiscutível, o qual vigora desde que esta ciência assume importância no contexto escolar.

No entanto, é válido salientar como outras linguagens também exercem importante papel no processo de ensino-aprendizagem relacionado à disciplina geográfica. Vídeos, imagens, músicas, literatura, pinturas e até mesmo o próprio corpo podem ser mobilizados para enriquecer as diferentes maneiras pelas quais o pensamento acerca do espaço pode ser mobilizado em contextos educativos, sejam eles escolares ou não.

Diante deste pressuposto, objetivou-se aqui criar práticas didático-pedagógicas que viabilizassem a atenção ao território do distrito de Barão Geraldo, no município de Campinas – SP, para além de um discurso bastante comum entre discentes, docentes e servidores técnicos da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Essas práticas foram desenvolvidas com estudantes do curso de graduação em geografia matriculados em uma disciplina obrigatória alocada na grade curricular do 5º semestre da formação em licenciatura.

A fim de atender ao objetivo geral estabelecido, apropriamo-nos da pedagogia do dispositivo, apresentada por Migliorin (2005) e Fórum Nicarágua (2021), para desenvolver dispositivos voltados à experimentação de novas vivências espaciais com o território de Barão Geraldo, considerando os diferentes indivíduos que nele vivem e habitam e que, por vezes, estão distanciados da vivência universitária predominante e cristalizada no “discurso da bolha”. O método da cartografia (Kastrup, 2023; Kastrup; Barros, 2009),

por sua vez, proporcionou (e ainda proporciona) um acompanhamento efetivo das processualidades envolvidas no decorrer das experimentações e das práticas realizadas.

O DISCURSO DA BOLHA: POR QUE CARTOGRAFIAR OUTRAS EXPERIÊNCIAS COM BARÃO GERALDO?

As experimentações desenvolvidas no contexto deste projeto se deram no distrito de Barão Geraldo, pertencente ao município de Campinas – SP. Este recorte espacial foi delimitado a partir de algumas características que o fazem, em certa medida, “destoar” do município de Campinas como um todo. A principal dessas características diz respeito ao fato de que o maior campus da Unicamp está situado no referido distrito. Além desta, outras instituições de ciência e tecnologia estão localizadas em Barão Geraldo, como a Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC, a FACAMP, o Centro Nacional de Pesquisas em Energias e Materiais – CNPEM, o acelerador de partículas SIRIUS, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações – CPQD, o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, entre outros. Este aparato técnico compõe um importante polo de alta tecnologia de Campinas, sendo nacional e internacionalmente relevante no contexto do desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas em diversas áreas do conhecimento.

Essa peculiaridade cria um significativo contraste entre Barão Geraldo e o restante do território de Campinas, alimentando no imaginário de parte da população que habita tal distrito – e até mesmo na população que vive fora dele – um discurso imagético/imaginário de que viver em Barão Geraldo consiste em adentrar uma “bolha”, isto é, este espaço oferece infraestrutura, bens e serviços necessários para nele viver sem que seja necessário buscar tais recursos em outras regiões de Campinas. O “discurso da bolha” é central no desenvolvimento deste projeto, haja vista que, por meio da pedagogia do dispositivo, das práticas de criação através de experimentações com imagens, sons e a arte, objetivamos desfazer tal bolha, rompendo-a, estourando-a e/ou subvertendo-a.

O discurso da bolha, entretanto, não abrange o distrito como um todo. Alguns bairros de Barão Geraldo são de pouco ou nenhum conhecimento e/ou aproximação pela comunidade universitária da Unicamp, principalmente de seus discentes. A população de tais bairros, por sua vez, também podem desempenhar suas atividades cotidianas e relações interpessoais sem que se aproximem da realidade mais próxima e conhecida pela comunidade acadêmica que habita o entorno do campus.

Desta forma, considerando todos os aspectos mencionados, tomamos o distrito de Barão Geraldo como um território de possibilidades a serem exploradas, as quais tendem a não se concretizar sem que uma força maior, composta por uma linha de forte controle, mas também por outra de absoluta abertura e liberdade (Migliorin, 2005), seja introduzida e ativada. É aí que atuam os dispositivos.

Ao considerarmos o território de Barão Geraldo como um espaço de possibilidades que podem ser exploradas por práticas educativas, assumimos a missão de desenvolver exercícios de alteridade (Gonçalves, 2017), ou seja, que visam identificar e reconhecer realidades *outras*, que ganham vida nas vivências espaciais distantes da experiência universitária e, para além disso, dar luz e vida a novas realidades – *realidades outras* – que possam vir a emergir a partir do encontro dos sujeitos universitários com espaços *outras* a serem explorados e conhecidos.

Diante disso, ao propormos o desenvolvimento de um dispositivo denominado *Um Olhar de Alteridade*, objetivamos colocar em ação uma forma de atenção para o distrito de Barão Geraldo que produzisse encontros com aquilo que não é conhecido ou que não foi capturado pelo discurso da bolha.

As práticas de criação baseadas em experimentações, neste contexto possibilitadas pela pedagogia do dispositivo, podem atribuir à formação de professores de geografia elementos enriquecedores para a produção de novos conhecimentos acerca do espaço, de modo que a docência em geografia não se restrinja a atividades didático-pedagógicas com o propósito exclusivo de transmitir informações e conhecimentos já prontos e estabelecidos, os quais, muitas vezes, são alheios aos contextos vivenciados pelos alunos. Em outras palavras, como apresentado por Oliveira Júnior e Girardi (2011), apostamos em práticas educativas que estimulem a dimensão criadora na formação de professores e no ensino de geografia.

DISPOSITIVO ENTRE GEOGRAFIA, CINEMA E EDUCAÇÃO

As práticas de experimentação com imagens e sons não são novas no contexto da educação. Apostar na produção de cinemas no contexto escolar e/ou educacional, por exemplo, é um exemplo que implica na valorização de práticas criadoras com os sujeitos nelas envolvidos e também com o espaço onde elas podem ocorrer, contribuindo para o surgimento de realidades *outras* que não foram anteriormente alcançadas.

No caso da geografia – mas não exclusivamente dela –, pensar o espaço geográfico a partir de experimentações com o cinema pode fazer emergir realidades

anteriormente não observadas e conhecidas, as quais muito podem dizer sobre o lugar em que se dão, as relações humanas que são ali estabelecidas, os indivíduos que neste espaço vivem e habitam e sua organização coletiva/em sociedade.

Quando se trata da criação de imagens e sons através da pedagogia do dispositivo, Fórum Nicarágua (2021) e Cezar Migliorin (2005) são as principais referências teóricas que sustentam este trabalho. Em Migliorin (2005) encontramos a definição de dispositivo, a qual guia, a nível metodológico, as pesquisas relacionadas à produção fílmica com dispositivos. O autor atribui aos dispositivos uma composição formada por duas linhas complementares: uma de rígido controle e regramento e outra de abertura e liberdade. Essas linhas, quando atuam em conjunto, criam conexões e movimentos através das imagens e dos sons que podem vir a compor uma produção com cinema.

Fórum Nicarágua (2021), por sua vez, aposta na prática de dispositivos não apenas como modo de criação de realidades, mas também como um exercício de ativação e/ou intensificação de movimentos que, de uma forma ou de outra, são existentes mas não percebidos. Trata-se, portanto, de uma maneira de proporcionar um encontro entre vida e arte através da criação, de “pensar o dispositivo como o nó que mobiliza a criação e que se coloca entre a dimensão artística e subjetiva” (Fórum Nicarágua, 2021, p. 90). Aposta-se também na dimensão coletiva da criação com dispositivos, de modo a deixar de lado o *eu* e perceber o *eu* através da existência do outro, ou seja, uma “relação de alteridade” (Fórum Nicarágua, p. 93) – a qual entendemos se aproximar do exercício de alteridade proposto por Gonçalves (2017) com mapas.

O exercício de alteridade proposto pela autora citada envolve a importância de considerar vivências espaciais cotidianas de outros indivíduos e grupos sociais nos processos de mapeamento, de modo a não configurar a construção de uma “geografia pasteurizada” (Gonçalves, 2017, p. 53), a qual elimina a presença de diferenças e singularidades em tais processos. Logo, apostamos em esforços para proporcionar “mapeamentos de subjetividades em busca de expressões espaciais múltiplas e alteridade com o mapa do outro” (Gonçalves, 2017, p. 52), contribuindo para a construção de “uma prática de exposição dos professores e alunos [e quaisquer outros indivíduos, dentro ou fora do contexto escolar] a experiências geográficas narradas pelos mapas que nos afetem e nos transformem” (Gonçalves, 2017, p. 59).

Desta forma, apropriamo-nos dos dispositivos propostos nas obras *Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil* (Oliveira et al., 2022) e *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos* (Migliorin et al., 2014) como inspirações para a delimitação de um dispositivo próprio/autoral – a ser detalhado na sessão

seguinte – com o objetivo de explorarmos e sermos afetados por outras realidades possíveis no território de Barão Geraldo.

Considerando a complexidade processual das práticas de criação com experimentações torna-se imprescindível apropriar-se de um método que seja igualmente processual para compreender o andamento das pesquisas e/ou investigações que pressupõem tais práticas. O método cartográfico, neste sentido, atua como potencial artifício para acompanhar os desdobramentos das práticas com experimentações a partir de dispositivos de criação com o cinema.

Como já mencionado, o método cartográfico é processual (Kastrup; Barros, 2009), isto é, não consiste num método pronto e previamente estabelecido que será aplicado nas pesquisas que dele fazem uso, mas sim num método construído à medida que a pesquisa ganha vida e concretude. Esse método nos orienta a desenvolver as pesquisas e investigações a partir de pistas publicadas e elaboradas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como da psicologia e da educação. Essas pistas, sobretudo as publicadas sob a organização de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) e de Passos, Kastrup e Tedesco (2014), corroboram a processualidade de tal método sem que assumam o papel de regras e procedimentos metodológicos rígidos e inflexíveis, ou seja, tratam-se de orientações elaboradas em outros contextos investigativos, mas que possam colaborar para diferentes pesquisas desenvolvidas à luz da cartografia. Tais pistas serão adotadas de maneira flexível e “encaixadas” na pesquisa a partir das tomadas de decisões do pesquisador-investigador-cartógrafo, revelando a dimensão política desse método, intrínseca à natureza de pesquisa-intervenção do mesmo.

Ainda como apontam Kastrup e Barros (2009), o método da cartografia consiste em um método de pesquisa e intervenção. As autoras apontam que o encontro entre o investigador e seu objeto de estudo não se dá de maneira passiva e/ou neutra, ou seja, ao estabelecerem o encontro, o investigador e seu objeto de pesquisa se afetam mutuamente, implicam um no outro uma série de novas sensações, impressões, sentimentos, emoções, *afetações*, as quais, à medida em que ganham vida e luz, são passíveis de serem acompanhadas, cartografadas ao longo de todo o processo investigativo. Em outras palavras, as mudanças ocasionadas no objeto de estudo pelo investigador e vice-versa fazem parte da processualidade característica do método cartográfico e, portanto, devem ser mapeadas e consideradas no contexto da pesquisa.

Apostar na criação dentro do ensino de geografia é trazer esta ciência para o campo das artes e do cinema, ou levar o cinema e as artes para dentro da geografia, estabelecendo uma fortíssima e necessária conexão entre tais campos do conhecimento

humano e ampliando as possibilidades de se proporcionar a prática de uma educação não apenas crítica, mas também criadora, permissora de exercícios de criação que mobilizem estudantes, professores, gestores, servidores, comunidade etc. para dentro das práticas com cinema, para dentro dos novos mundos, dos novos espaços e das novas realidades – mundos, espaços e realidades *outras* – que possam vir a emergir a partir de um cinema acessível e potente no contexto escolar, ou mesmo fora dele.

UM OLHAR DE ALTERIDADE EM BARÃO GERALDO

Ao nos apropriarmos das práticas de criação com dispositivos apostamos na emergência de novas relações com o território de Barão Geraldo a partir da ativação de outros afetos e modos de atenção para ele. Para tanto, selecionamos previamente alguns bairros do distrito que eram pouco percorridos, visitados e explorados pela comunidade universitária, enfatizando então o distanciamento físico e cotidiano dos licenciandos do curso de geografia da Unicamp com Barão Geraldo.

O dispositivo criado foi colocado em ação por estudantes matriculados em uma disciplina obrigatória para alunos de graduação em licenciatura em geografia durante o ano de 2024. Esse componente curricular foi escolhido, pois uma de suas finalidades na formação de professores de geografia é justamente permitir a aproximação de distintas práticas culturais e linguagens no campo da educação geográfica e possibilitar a criação e realização de experimentações que visam refletir e produzir pensamentos acerca das espacialidades contemporâneas.

Nesse contexto, o dispositivo denominado *Um Olhar de Alteridade* determinou que os estudantes se dividissem em duplas para visitar alguns bairros do distrito (Village Campinas, Vila Holândia, Parque das Universidades, Real Parque e Bosque das Palmeiras) e registrar áudios e fotografias a partir das seguintes instruções:

1. Cada dupla deverá fazer fotografias em paisagens selecionadas ao longo de um determinado percurso a ser realizado;
2. Cinco locais serão escolhidos para a realização das fotografias, sendo que em cada local três fotografias serão feitas, cada uma em um plano³ diferente;
3. Os planos, em linhas gerais, dizem respeito ao nível de detalhes, ao enquadramento e aos ângulos dos elementos escolhidos para constituir uma imagem. Alguns exemplos de planos na linguagem cinematográfica são o plano aberto, plano fechado (ou close-up), plano de detalhe, plano geral, entre muitos outros.

3. Durante a atividade, a comunicação entre os membros da dupla sofrerá algumas restrições: apenas um dos membros poderá falar – o falante –, enquanto o outro permanecerá em completo silêncio durante toda a atividade – o mudo;
4. O falante será responsável por escolher quais espaços serão contemplados pela fotografia, porém quem fotografará será o mudo;
5. Durante a realização das imagens, o chão deverá ser tomado como referência;
6. Enquanto o mudo registra as fotografias dos espaços selecionados, o falante deverá gravar um áudio de 90 segundos do som ambiente do local fotografado;
7. Após realizarem todos os registros, uma apresentação com todas as imagens e áudios produzidos será exibida e os participantes poderão discutir e refletir acerca das imagens produzidas e de sua experiência espacial com este dispositivo.⁴

Como apontado por Migliorin (2005), as orientações para a execução consistem em sua linha de rígido controle e regramento. No entanto, tal linha de controle é estremecida à medida que, dentro do espaço delimitado por ela, as aberturas, liberdades e possibilidades sejam exploradas pelos envolvidos na prática com os dispositivos. Desta forma, o dispositivo criado teria por propósito explorar essas possíveis aberturas dentro do território de Barão Geraldo, de modo a suscitar realidades *outras* que ali existem, mas que não são notadas por nossos olhares e percursos habituais. O nome *Um Olhar de Alteridade* faz referência ao “exercício de alteridade” concebido por Amanda Gonçalves (2017, p. 59), ao propor práticas de mapeamento que permitam, entre outros aspectos, reconhecer a existência do *outro* nas *minhas* práticas e relações espaciais, isto é, não olhar para o espaço apenas com os *meus* olhos, mas estabelecer um esforço para também vê-lo com olhos alheios, olhos e olhares de outros.

Em Barão Geraldo, essa tentativa de desenvolver um olhar coletivo-alheio foi concretizada a partir do envolvimento dos estudantes com produções de cinema em espaços que, para a maioria deles, eram pouco ou nada frequentados e conhecidos. As cores, formas e objetos capturados pelas lentes dos celulares dos participantes, bem como as vozes, os cantos, os barulhos e os ruídos, compuseram um processo inicial de mapear o que é *outro* no território do distrito em questão, estabelecendo um contato entre os participantes e o que para eles era desconhecido – o chão, o céu, as árvores, as fachadas, os pássaros, as folhas, os caminhos, os ares, as vidas – de

4. Uma instrução adicional não redigida nas orientações iniciais foi a de que os participantes deveriam evitar registrar em suas imagens rostos de pessoas que permitissem sua identificação.

modo a fazer emergir um novo sentido para as relações e vivências espaciais que viriam a ser experimentadas através do dispositivo em questão.

A distinção dos papéis de “mudo” e “falante”, característica importante do dispositivo ativado, constitui uma tentativa de desenvolver um olhar alheio diante dos espaços visitados no decorrer do percurso realizado. Ao ser atribuído ao falante o poder de escolha de qual local seria fotografado, o mudo precisaria deslocar um esforço imagético para pensar e dispor seu modo de fotografar para um espaço que por ele pode ter passado despercebido, não notado ou simplesmente ter sido ignorado. Esse exercício de desvio de atenção para um local não escolhido pode caracterizar a concretização da emergência de uma nova realidade espacial, a qual está associada a um deslocamento da dimensão comunicativa e informativa atribuída às representações espaciais através da linguagem cartográfica, bem como a um atravessamento de outras linguagens na linguagem cartográfica (Oliveira Júnior, 2012; Oliveira Júnior; Girardi, 2011). Portanto, trata-se de um estímulo à dimensão expressiva das representações espaciais, através de exercícios que permitam “criar com e nos estudantes outros percursos de pensamento acerca e com o espaço geográfico” (Oliveira Júnior, 2012, p. 5).

Diante do que foi exposto, selecionamos algumas das produções imagéticas e de áudio⁵ registradas pelos alunos para que possamos refletir sobre os aspectos trazidos por elas, tensionar a realidade já existente em Barão Geraldo e tentar reconhecer o que é *outro* nesse mesmo espaço. Apesar das imagens e sons terem sido produzidos pelos alunos da disciplina em questão, as palavras que se seguem tomaram forma a partir do encontro do primeiro autor deste trabalho com tais produções, de modo a constituir um relato cartográfico a partir do diálogo das imagens com as palavras, sem deixar de considerar, para isso, os áudios produzidos. Nesse sentido, imagens, sons e palavras expressam, cada um deles, significativa importância para o estabelecimento de uma cartografia com base nas experimentações desenvolvidas no contexto do dispositivo proposto. Os relatos apresentados são referentes às visitas realizadas em três dos cinco bairros selecionados para os percursos dos licenciandos.

5. Todo o acervo de imagens e áudios produzidos pelos alunos no contexto do dispositivo *Um Olhar de Alteridade* pode ser acessado através do seguinte endereço eletrônico: https://www.canva.com/design/DAGJcUttcrI/Zqr8u1AXa1FW2AoT5Ualxg/edit?utm_content=DAGJcUttcrI&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton. Os áudios já se encontram distribuídos entre as três fotografias registradas em cada ponto.

VILLAGE CAMPINAS

Dentre todos os bairros do distrito de Barão Geraldo que foram visitados pelos alunos da disciplina, o Village Campinas é o mais distante do campus da Unicamp. Possivelmente, este aspecto o configura como a localidade com as relações espaciais mais longínquas e distintas da realidade vivenciada pela comunidade universitária. Essa hipótese nos leva a estabelecer um olhar instigador e de curiosidade perante os registros desse bairro.

Esse olhar instigante que assola a visita ao Village Campinas é deslocado pelas cores vivas e contrastantes que pintam a paisagem do bairro. Essa aquarela remete a uma fronteira indefinida entre a natureza e a artificialidade, o rural e o urbano, o solo e o concreto. A urbanidade entrelaça a ruralidade e vice-versa. O caminhar por ambos nos alimenta a dúvida, a inquietação e o mistério, ao mesmo tempo em que a beleza, a calma, o novo e o real se mostram ali presentes e vivos e tomam nossa atenção.



Imagem 1 – Village Campinas #1
Fonte – acervo dos autores

As cores apeteçam os olhos assim como os sabores apeteçam a boca. O azul do céu é pintado pelo rosa das flores na copa das árvores, o mesmo rosa que, eventualmente, também pinta o marrom da estrada de terra, dividindo espaço com as diversas tonalidades de cinza das pedras.

Os muros separam [os forasteiros dos habitantes?], protegem [os de dentro dos de fora?], delimitam [o que é meu e o que é seu?], cercam [os espaços das propriedades?]. Há portas abertas e fechadas que nos convidam e nos afastam. Aproximar ou distanciar? Jesus abençoa quem entra e acompanha quem sai, contanto que alguém entre e alguém saia.



Imagem 2 – Village Campinas #2

Fonte – acervo dos autores

Os bancos nos atraem o olhar: “sente-se”. Mas as inúmeras barreiras entre aqui e ali nos instigam a hesitar: cercas, portas, vidros, escadas. Elas realmente nos separam ou apenas estendem sua mão para nos convidar a entrar? Convite ou convocação?

Ao voltarmos a atenção ao áudio registrado no Village, o espaço parece ganhar ainda mais vida. As cores e objetos ganharam som e voz, falam por si mesmos e também pelos outros. A vida ali encontrada não é apenas humana, mas também animal, vegetal, coletiva, abstrata e entre espécies. Todos, individualmente e/ou em conjunto, constroem as relações espaciais ali estabelecidas e que nos afetaram [ainda afetam e continuarão afetando] na visita ao local.



Imagem 3 – Village Campinas #3

Fonte – acervo dos autores

Por fim, o ponto inicial ou final da visita materializa o convite à visita: é um portal chamado Osmar. Osmar, com sua voz única – batidas fortes, constantes e repetitivas –, convida-nos a sempre visitá-los: “sejam sempre bem-vindos e voltem sempre que quiserem”. O portal dispõe de assentos para que possamos nos preparar para a jornada de visita que ali se inicia e, posteriormente, aguardar pelo retorno ao nosso cotidiano.

A visita ao Village Campinas constituiu o início da experiência espacial (ainda inconclusa e sempre constante) com o dispositivo ativado. Suas características, aspectos, elementos – humanos e não humanos – alimentaram ainda mais a indagação “o que é Barão Geraldo?” e nos fizeram ir adiante para tentar respondê-la ao longo das posteriores visitas aos demais bairros selecionados para a continuidade do processo de experimentação com dispositivos.

VILA HOLÂNDIA

No processo de ativação do dispositivo proposto na Vila Holândia, deparamo-nos com aspectos contrastantes em relação aos diagnosticados no Village

Campinas. Semelhanças foram percebidas, mas as diferenças pareciam se sobressair. Os ritmos e dinâmicas estabelecidos na Vila Holândia manifestavam uma velocidade consideravelmente maior àquela percebida no bairro visitado anteriormente.



Imagem 4 – Vila Holândia #1

Fonte – acervo dos autores

Paz. Muita paz. *Mó paz*. Contradição. Há paz em um espaço onde os escombros se conflituam com a vida vegetal que tenta vencê-los? Cacos de vidro, pedras, objetos pontiagudos, concreto, madeira, pregos, lixo. É possível encontrar paz onde esses elementos parecem constituir uma cena de caos e intriga? O silêncio é presente, mas seria ele o único atributo para certificar um espaço de paz?

Esse mesmo silêncio intercala-se com os sons e vozes dos veículos automotores que, muito próximo dali, circulam numa velocidade considerável. Perigo. Atenção. Cuidado. Paz? Vive-se em paz na Vila Holândia?

É certo que, para além de uma Vila Holândia pacífica ou não, a percepção da paisagem vai muito além dos seus elementos visuais. Ela se constitui também pelos sons e sabores que a assolam e a transformam, mas que também assolam e transformam as partículas – dotadas ou não de vida (humana ou não humana) – que se fixam nesse espaço.

A seta é quase que uma regra, norma, obrigação: “vire-se e se delicie”. Hambúrgueres. Açai. Sorvete. Comida. Bebida. Quente. Gelado. Isso é espaço. As visualidades se constituem em conjunto com os sabores, os cheiros, os ruídos, os barulhos, as sonoridades

– musicais ou ruidosas, amigáveis ou apáticas, deliciosas ou execráveis – presentes e frequentes nesse espaço. “Experimente-o. Desacelere e experimente-o”.



Imagem 5 – Vila Holândia #2

Fonte – acervo dos autores

Ao me deparar com uma as imagens registradas pelos alunos e seu respectivo áudio, perguntei-me: qual é o chão de Barão Geraldo? Não sei. Não sabemos. É uma árdua tarefa caracterizarmos o chão de um distrito tão diverso e heterogêneo, um espaço composto por inúmeras pessoas, de diferentes origens e costumes. No entanto, pude ter uma certeza: na Vila Holândia o chão late. E, hipoteticamente, ele nos observa: observa-nos com tamanha atenção e rigor, de uma maneira que não dispomos para observá-lo em retorno. O chão da Vila Holândia, por esse motivo, guarda um mundo repleto de vida – ruidosa vida – e de interação que apenas aqueles que dispõem de tempo e determinação para observá-lo podem perceber.



Imagem 6 – Vila Holândia #3

Fonte – acervo dos autores

Para onde os veículos vão quando deixam a Vila Holândia? A grande e imponente cidade de Campinas aguarda-os. Mas estariam eles indo mesmo para lá? Uma seta para esquerda, outra para a direita e a estrada seguindo reto: para onde ir? Certamente, eles vão para onde podem ir e, mesmo que setas apontem para um lado ou para o outro, nem todo caminho é permitido. Nem todo espaço é permitido. Os caminhos abrem portas [para alguns] ao mesmo tempo que as fecham [para muitos]. As árvores, entretanto, em sua maioria, ainda estão lá, vivas e acessíveis – espera-se que para todos. Para onde quer que os carros vão e de onde voltam, as árvores continuarão ali. Os caminhos continuarão ali. O espaço continuará ali, mas não da mesma forma.



Imagem 7 – Vila Holândia #4

Fonte – acervo dos autores

REAL PARQUE

A visita ao Real Parque se deu diante de uma excepcionalidade no contexto do projeto: foi o único bairro visitado por duas duplas simultaneamente, as quais o exploraram de maneira independente uma da outra. Essa singularidade contribuiu para uma diversidade característica das produções imagéticas e de áudio, ampliando ainda mais a descoberta de realidades *outras* nesse bairro.



Imagens 8 e 9 – Real Parque #1 e #2

Fonte – acervo dos autores

A rua de paralelepípedos parece convidativa. Os inúmeros caminhos estabelecidos entre cada paralelepípedo – por onde correm as águas, as formigas, as poeiras, os grãos de areia – nos chamam para usufruí-los. As calçadas são quase ausentes: a rua é como casa. Moradia. “O espaço por onde percorro é o espaço onde vivo”.

Pelas ruas e praças, nas quais muitos parecem habitar em conjunto, alguém nos observa. Quem nos observa quando observamos o espaço? Crianças, adultos, idosos, aves, insetos, mamíferos, chãos e céus. Todos nos observam porque não

pertencemos àquele local, mas ali estamos, então passamos a pertencê-lo e vivenciá-lo. Essa é a nossa nova realidade [Essas são as nossas novas realidades].

Algumas cores artificiais complementam a natureza colorida das praças. É quase como um pavão quando abre seu leque de penas, na tentativa de atrair alguém. Esses espaços procuram abrir um caminho que atraia alguém. Crianças e forasteiros. Fomos atraídos. As cores e formas, o lúdico, o contraste saltam aos olhos. É um convite irrecusável para voltar a tempos há muito não mais vivenciados. Tempos de alegria e diversão, os quais poucos são materializados quando se vive a comunidade universitária. “Brincar não é coisa de adulto, mas eu vou brincar”.



Imagens 10 e 11 – Real Parque #3 e #4

Fonte – acervo dos autores

As diversas texturas de chão também afagam as solas dos pés. Uns macios, outros mais rígidos; uns planejados, outros desnivelados; uns que são remoldados à medida em que pisamos, outros que parecem jamais se reformular. “Quão calorosamente o chão me abraçaria numa queda?”.



Imagens 12 e 13 – Real Parque #5 e #6

Fonte – acervo dos autores

Quem o chão olha quando olhamos o chão? Chão e céu se olham eternamente? O céu também faz parte do espaço? Entre a superfície e a atmosfera, a linha das árvores ainda desempenha seu papel: pinta o céu com diferentes tonalidades de verde – é para onde o chão olha todos os dias e para onde poderíamos olhar se tivéssemos a oportunidade de desacelerar nossos ritmos de vida e apreciar calmamente a experiência espacial que nos é proporcionada. Os troncos constroem estradas sinuosas que conectam a superfície ao céu: um convite a sobrevoar o espaço e olhá-lo de cima, com outros olhos – quase como um dispositivo.

Se o Parque é Real é porque há um rei. Sua coroa vermelha o destoa de todos os demais, ainda que seu tamanho pequeno quase o faça passar despercebido. Sua postura é majestosa e impiedosa, um símbolo de sua autoridade. Por onde passa recebe continências e olhares de amor e de temor – maquiavélico –, seja dos mais velhos ou dos mais novos. O rei se impõe arbitrariamente como figura imponente no local.



Imagem 14 – Real Parque #7

Fonte – acervo dos autores

A passagem pelo Real Parque se encerra onde o fluxo humano parece o mais vivaz. O encontro das vidas – humanas e não humanas – se dá onde pouco tempo parece ser destinado a apreciar o azul do céu e o verde das folhas. A velocidade parece ter voltado a acelerar e o espaço parece ter um ritmo de transformação maior. O rei não parece impor sua autoridade por todo o reino. Talvez o reino seja bem mais frágil do que parecia. Talvez a bolha esteja estremecendo e o *outro* esteja emergindo. A bolha já não parece ser mais a mesma. Quem é o rei da bolha?

PONDERAÇÕES NUMA TENTATIVA DE FINALIZAÇÃO

Este trabalho se propôs a oportunizar práticas de criação com cinema a partir da pedagogia do dispositivo no contexto da formação inicial de professores de geografia. As práticas desenvolvidas no decorrer do trabalho se deram a partir de um dispositivo de criação com cinema denominado *Um Olhar de Alteridade*, no qual os alunos deveriam registrar imagens e áudios em cinco bairros do distrito de Barão Geraldo, de modo a suscitar realidades que não eram percebidas em virtude

do discurso da bolha, vinculado à vivência universitária predominante entre a comunidade acadêmica da Unicamp.

As práticas desenvolvidas consistem num esforço de estimular exercícios que apostem na dimensão criadora das linguagens no âmbito do ensino de geografia, as quais não se restringem a apenas transmitir e comunicar informações e conhecimentos prévios, mas também permitir a construção conjunta de conhecimentos novos – novas produções de mundo (Oliveira Júnior; Girardi, 2011). Apostamos na potencialidade de tais práticas a fim de enriquecer e subverter o que já é convencional e tradicional no contexto da sala de aula e das práticas didático-pedagógicas que também possam ocorrer fora do contexto escolar.

A partir da exploração das produções de cinema desenvolvidas pelos participantes do dispositivo em questão, podemos reconhecer a ocorrência de realidades *outras* nos diferentes bairros de Barão Geraldo, os quais contemplam experiências espaciais únicas e novas. De forma poética, essas realidades novas foram exploradas e cartografadas, com base nas pistas do método cartográfico, o qual considera a processualidade das experimentações para acompanhar as afetações suscitadas pelas mesmas (Kastrup; Barros, 2009).

Ainda que o objetivo das experimentações com o dispositivo tenha sido cartografar/mapear, a linguagem cartográfica, neste contexto, foi radicalmente estremecida e perpassada por elementos culturais dos indivíduos envolvidos com as práticas e dos espaços visitados. Desta forma, enriquece-se essa linguagem por meio dos atravessamentos com outras linguagens, principalmente as fotografias e os sons (Oliveira Júnior, 2012). Acreditamos que, ao permitir esse atravessamento de outras linguagens na cartografia, possamos fazê-la, de maneira poética, “delirar, divagar em si mesma ao criar mundos ao mesmo tempo que cria outras potências para a linguagem cartográfica” (Oliveira Júnior, 2012, p. 14 e 15).

Considera-se para isso que, se apostamos na potencialidade de criar novos mundos, novas formas de ser e estar no mundo, de pensar o e com o mundo e de proporcionar tais exercícios em contextos educacionais, é necessário considerar uma abordagem pós-representacional, haja vista que a perspectiva representacional se torna incoerente com o método cartográfico e, conseqüentemente, poderia não permitir a emergência de realidades *outras* a partir de dispositivos cartográficos (Kastrup, 2023).

A potencialidade e riqueza das linguagens, nesse sentido, estabelece uma necessidade de se desenvolver práticas criadoras em contextos educativos, considerando-as, também, como componentes singulares para a formação inicial e continuada

de professores de geografia. No caso deste projeto, por exemplo, a atuação conjunta da linguagem fotográfica com a linguagem sonora pôde permitir ponderações acerca do que ambas, em conjunto, possam falar sobre os outros espaços em Barão Geraldo. Em outros termos, também seria possível ponderar sobre a questão “o que os áudios dizem sobre as imagens que as próprias imagens não dizem sobre elas mesmas?”. Essa atuação conjunta das linguagens estabelece a riqueza metodológica e de experimentações para se notar realidades *outras* no distrito em questão.

Por fim, é vital enfatizar que o processo de desfazer a bolha que envolve a comunidade acadêmica da Unicamp em Barão Geraldo é um exercício eterno e constante. Nunca estaremos satisfeitos. Talvez a bolha nunca se desfaça, mas isso não pode ser justificativa para que exercícios como os desenvolvidos neste projeto sejam postos de lado e desacreditados. Viver em Barão Geraldo é tomar um dos múltiplos caminhos a nós oferecidos e percorrê-lo sem saber onde chegaremos. Se Barão Geraldo consiste nessa multiplicidade de percursos, torna-se, então, um território em constante transformação e sempre passível de possibilitar o conceber de novas realidades, as quais só podem ser notadas se nos esforçarmos para estabelecer um olhar de alteridade diante dos espaços pouco ou nada conhecidos, longínquos, misteriosos e inacabados.

REFERÊNCIAS

- FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, Cezar; GARCIA, Luiz; PIPANO, Isaac; RESENDE, Douglas). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, Cesar; OMELCZUK, Fernanda; REZENDE, Luiz Augusto (Org.). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM. 2021.
- GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapas e experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, jan./jun., 2017.
- KASTRUP, Virginia. A escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 139-159, 2023. DOI: 10.12957/riae.2023.80661.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.
- MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. **Digitagrama: Revista Acadêmica de Cinema**, 2005. Disponível em: <https://estudosaudiovisuais.files.wordpress.com/2013/04/o-dispositivo-como-estrategia-narrativa.pdf>. Acesso em: 5 out. 2024.
- MIGLIORIN, Cezar.; PIPANO, Isaac; GARCIA, Luiz; GUERREIRO, Alexandre; NANCHERY, Clarissa; BENEVIDES, Frederico. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. 1. ed. Niterói: Editora da UFF, 2014.

- MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015. 224 p., ISBN: 978-85-7920-193-6.
- OLIVEIRA, Juliana Pereira da Silva; FARIA, Marcelly Camacho Torteli; GUARI, Mauro Antonio; SILVA, Mônica Araújo; MELO, Rozeli Lemos; AMARAL, Sandra Regina de Freitas; CAMILO, Thayla Cristina de Souza; OLIVEIRA, Wanessa Aparecida Souza; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado *et al.* **Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil** / Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”. Campinas: Programa Cinema e Educação/Secretaria Municipal de Educação, 2022.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiânia. **Anais...** v. 1. Goiânia, 2011.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geógrafos**, n. 12, p. 01-49, 2012.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum – volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Oziel Ulisses Torriani Contarato é concluinte do curso de graduação em licenciatura e bacharelado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG/Unicamp). Atualmente é mestrando em Geografia pela mesma instituição.

E-mail: oziel.utc@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8938-0400>.

Tânia Seneme do Canto é Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, em Rio Claro – SP, tem mestrado e doutorado na área de Geografia pela mesma universidade. É professora no Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Unicamp.

E-mail: taniasc@unicamp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0299-8268>.

Recebido em 20 de janeiro de 2025 e aprovado em 16 de fevereiro de 2025.